

DIFERENÇAS DE SEXO NA ESCOLHA PROFISSIONAL: MOTIVAÇÕES BIOLÓGICAS OU CULTURAIS?

SEX DIFFERENCES IN THE PROFESSIONAL CHOICE: BIOLOGICAL OR
CULTURAL MOTIVATIONS?

Tiago Veloso Neves

Secretaria Municipal de Saúde
nevestv@gmail.com

RESUMO: Este estudo teve o objetivo de verificar, à luz da literatura, que fatores influenciam de maneira predominante a diferença na escolha ou ocupação profissional entre homens e mulheres, abrindo questionamento acerca da Teoria Social dos Papéis de Gênero, que define essas escolhas como sendo motivadas pela Construção Social dos Papéis de Gênero. Os principais autores utilizados durante a discussão desse tema foram Baron-Cohen (2003), Schmitt (2008), Lippa (2010), Sjöberg e Schreiner (2010) e Cahill (2014). Foram analisados vários estudos quantitativos, livros e meta-análises que investigaram qual era a distribuição, estatisticamente, das escolhas profissionais de acordo com o sexo e sobre outras preferências que são consideradas "estereotípicas". Foi constatado que diversos comportamentos e preferências relacionados ao gênero ou sexo são inatos e que, apesar de existir influência do meio, as diferenças de escolha entre os dois sexos se mantêm nos diversos países (estudos avaliaram entre 40 e 55 países), a despeito das diferenças culturais. Portanto, a influência do meio aparenta não ser suficiente para reverter totalmente ou anular essas tendências quando se fala em grandes populações. Constatou-se ainda que, quanto mais ricos e igualitários são os países, maior é a diferença de escolha profissional entre homens e mulheres, visto que nesse contexto, o acesso à educação e o grande número de oportunidades profissionais favorece os indivíduos a optarem por atividades com as quais naturalmente se identificam.

PALAVRAS-CHAVE: Diferenças de sexo; Gênero; Escolha profissional.

ABSTRACT: This study aimed to verify, in the light of the literature, which factors predominantly influence the difference in the choice or occupational occupation between men and women, bringing on questions about the Social Theory of Gender Roles, which defines these choices as motivated by the Social Construction of the Gender Roles. The main authors used during the discussion of this topic were Baron-Cohen (2003), Schmitt (2008), Lippa (2010), Sjöberg and Schreiner (2010) and Cahill (2014). A number of quantitative studies, books, and meta-analyses that investigated the distribution of sex-related occupational choices and other preferences that are considered "stereotypical" were analyzed. It was found that different behaviors and preferences related to gender or gender are innate and that, although there is influence of the environment, differences in choice between the two sexes remain in the different countries (studies evaluated between 40 and 55 countries), despite cultural differences. Therefore, the influence of the environment does not appear to be enough to totally reverse or cancel out these trends when speaking of large populations. It was also found that the richer and more equitable the countries, the greater the difference in professional choice between men and women, since in this context, access to education and the large number of professional opportunities favor individuals to opt for activities with which they naturally identify themselves.

KEYWORDS: Sex differences; Gender; Professional choice.

INTRODUÇÃO

Com a evolução histórica e social da civilização ocidental, as mulheres passam a adquirir liberdade para conquistar diversos espaços sociais, especialmente os espaços de trabalho, sendo livres também para escolher que

28

Portanto, o objetivo geral do presente estudo é

verificar, à luz da literatura, que fatores influenciam de maneira predominante a diferença na escolha ou ocupação profissional entre homens e mulheres.

Este estudo justifica-se devido à importância da compreensão dessa questão, visto que as preferências profissionais também estão associadas, por exemplo, aos prováveis tipos de adocimento aos quais homens e mulheres podem estar susceptíveis em decorrência do tipo de rotina profissional à qual estão sujeitos (NYBERG; LEINEWEBER; MAGNUSSON HANSON, 2015).

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa exploratória, tendo como estratégia de coleta de dados o levantamento bibliográfico (MARCONI; LAKATOS, 2010), sendo que, para responder à pergunta da pesquisa, foram levantados artigos científicos, livros, estudos multicêntricos e revisões de literatura que trouxeram à tona dados que podem elucidar de maneira técnica esse assunto.

DESENVOLVIMENTO

Antes de iniciar a discussão da literatura é necessário diferenciar dois conceitos: Sexo e Gênero. "Sexo" diz respeito às manifestações biológicas dos cromossomos XX e XY, em caráter binário. "Gênero" diz respeito ao entendimento cultural sobre a definição e o papel social ou características psicológicas associados aos conceitos de masculino e feminino (SHECHNER, 2010).

Neste trabalho será usado majoritariamente o termo "sexo", devido ao fato de a discussão ser voltada especificamente para a condição biológica do ser humano enquanto pertencente aos sexos masculino e feminino, e as questões relacionadas a esta.

Alguns autores postulam que em países mais desenvolvidos a diferença de sexo é atenuada no que tange à ocupação profissional. Esse é o pensamento sustentado pela Teoria Social dos Papéis de Gênero, que postula que as diferenças entre homens e mulheres são estereotípicas e são construídas socialmente, e portanto são baseadas em um entendimento tradicional e historicamente determinado sobre como deveria ser o comportamento masculino e feminino. Baseado nesse pressuposto se implica que: quanto mais moderno

30

tipo de trabalho deseja realizar. Contudo, observa-se grande diferença de escolha ou de ocupação profissional entre homens e mulheres (PERTICARRARI, 2003; LIPPA, 2010a; BYARS-WINSTON; FOUAD; WEN, 2015).

Essa diferença foi questionada por alguns autores ao longo do tempo como sendo produto de uma determinação histórica e cultural, e criticada por representar, para alguns destes, uma faceta da cultura patriarcal que restringe a liberdade profissional e o bem-estar das mulheres (BOUVOIR, 1970; BUTLER, 2003; BARBOSA, 2012; MONTEIRO; SILVEIRO; DANIEL, 2015).

Butler (2003), em uma análise baseada na óptica de autores como Marx, Foucault e Beauvoir, a designação do gênero feminino é construída socialmente por uma estrutura patriarcal que visa, inclusive, controlar a mulher por sua condição natural e social. Infere que a concepção de um gênero (especialmente se construído a partir do caráter binário masculino/feminino) é, por si só, uma forma de exclusão acerca daqueles que não se identificam propriamente, de maneira temporária ou a longo prazo, com o gênero designado para si pela sociedade. A autora afirma ainda que, sendo uma construção social passível de ser superada, o gênero é fluido e não está encerrado pela biologia ou qualquer postulado que seja normatizador (BUTLER, 2003; BUTLER, 2004).

De fato, é possível perceber que uma preocupação constante dos autores que defendem o posicionamento de que a divergência de preferências, comportamentos e ocupações entre os sexos (ou gêneros) é um produto sociocultural determinístico, é o risco de esta estrutura social ser excluyente para com as mulheres, especialmente no âmbito mercadológico ou do trabalho (BOUVOIR, 1970; BUTLER, 2003; BUTLER, 2004; EAGLY; WOOD; JOHANNESSEN-SCHMIDT, 2004; BARBOSA, 2012; MONTEIRO; SILVEIRO; DANIEL, 2015).

Diante desses questionamentos, surge uma dúvida: a motivação que leva homens e mulheres a escolherem ou ocuparem determinadas profissões (por vezes associadas aos estereótipos de masculino e feminino) de fato é originária da cultura e produto exclusivamente de uma construção social?

29

(e, por consequência), mais igualitário é um país e menor

será a diferença de comportamentos, preferências e ocupações profissionais entre homens e mulheres. Por outro lado, quanto mais tradicional e não-igualitário é um país, maior será a diferença do papel que homens e mulheres exercem na sociedade, visto que é a mesma que define esses traços por meio da construção social (EAGLY; WOOD; JOHANNESSEN-SCHMIDT, 2004).

Entretanto, estudos científicos multicêntricos realizados em diversos países do mundo tem demonstrado resultados que entram em conflito com essa perspectiva. Lippa (2010a), em sua meta-análise, comparou estatisticamente diversos estudos que investigaram, por meio de abordagens quantitativas, a diferença de personalidade e ocupações profissionais. Os estudos analisados apontaram que os países onde se propõe politicamente a "igualdade de gênero" apresentaram acentuadas diferenças de personalidade e de ocupação profissional entre homens e mulheres, enquanto os países que não visam esse tipo de política apresentaram diferenças menos acentuadas.

Contudo, alguns padrões se mantiveram: na maioria dos países as mulheres obtiveram pontuações mais altas que os homens em padrões de positividade (em relação aos sentimentos), abertura para novos sentimentos, sentido de coletividade, e afeto. Homens obtiveram pontuações mais altas para características como sentido de dominação, assertividade e abertura para novas ideias. Além disso, em um estudo de campo realizado pelo mesmo autor, em todos os 53 países pesquisados os homens, em sua maioria, tinham seu interesse voltados para coisas e as mulheres, para pessoas (LIPPA, 2010a).

O estudo de Schmitt et al. (2008), tem constatações semelhantes. Este estudo, que reuniu cerca de 100 cientistas sociais, comportamentais e da área das ciências biológicas, foi realizado em 55 países diferentes, que aplicaram o *Big Five Inventory*, um questionário de personalidade composto de 44 itens objetivos que foram respondidos por 17.637 sujeitos. Neste estudo, os pesquisadores constataram que, de maneira geral, altos níveis de desenvolvimento humano (tais como saúde e longevidade, igualdade de acesso à educação e riqueza econômica) foram fatores preditivos para diferenças de personalidade mais acentuadas entre homens e mulheres.

31

De maneira geral, constatou-se que os homens normalmente são mais dominantes e tendem a correr riscos, enquanto mulheres são mais cautelosas e comunicativas. Por outro lado, em países economicamente e socialmente menos favorecidos, as diferenças de personalidade entre homens e mulheres apresentaram-se mais tênues (SCHMITT et al., 2008).

Outros estudos constataram que há indícios de que o interesse por determinadas áreas profissionais ou ciências sugerem que as divergências de sexo nestas preferências já estão presentes na adolescência. O Projeto de Relevância da Educação em Ciência (ROSE Project), avaliou, em adolescentes de 15 anos de idade pertencentes a 40 países diferentes, que tipo de ciências ou áreas do conhecimento mais interessavam a eles, além de avaliar diversas outras questões, como por exemplo, a atitude dos adolescentes em relação à Ciência e Tecnologia e os fatores que influenciam essas atitudes, expectativas com relação ao futuro da ciência, perspectiva acerca da Ciência e dos cientistas na sociedade, entre outros (SJOBORG; SCHREINER, 2010).

Apesar de o estudo não ser direcionado para as diferenças de sexo, o mesmo também constatou divergências no interesse manifestado pelos adolescentes: mais indivíduos do sexo masculino se interessavam por Ciência e Tecnologia (especialmente quando era avaliada o interesse pela própria disciplina de Ciências) do que as adolescentes do sexo feminino. Tal como Schmitt (2008) e Lippa (2010a), essas diferenças também mostraram-se mais pronunciadas nos países mais desenvolvidos. Na verdade, quando foi avaliada o nível de concordância com a ideia de que o conteúdo aprendido em Ciências era viabilizava novas perspectivas e oferecia maiores possibilidades de ter uma carreira, a atitude dos entrevistados mostrou maior divergência nos países mais desenvolvidos, sendo que normalmente as meninas apresentavam menor concordância com essa ideia (SJOBORG; SCHREINER, 2010).

Nos países mais pobres, por outro lado, muito mais adolescentes (e com maior concordância entre os dois sexos) consideraram que esta área do conhecimento era importante no seu modo de vida e futuras perspectivas de carreira, sendo que em alguns países como Índia, Bangladesh e Filipinas, esse interesse era maior por parte das meninas. Esse comportamento pode ser

preferência do sexo masculino, e vice-versa. Também foi observado maior interesse das adolescentes do sexo feminino pela conservação do meio ambiente e em trabalhar com pessoas e cuidar das mesmas (SJOBORG; SCHREINER, 2010).

Uma hipótese comum entre os autores supracitados é a de que, em países mais desenvolvidos e com igualdade de acesso a recursos e à educação, os indivíduos podem permitir-se buscar as áreas profissionais e acadêmicas com as quais apresentam naturalmente mais afinidade, enquanto que em países economicamente mais desfavorecidos os critérios de escolha profissional estão mais ligados à necessidade de sobrevivência no mercado do que à afinidade propriamente dita (SCHMITT et al., 2008; LIPPA, 2010a; SJOBORG; SCHREINER, 2010). Pode-se comentar ainda a hipótese de essas características divergentes serem traços genéticos que são potencializados pelo meio quando existem condições favoráveis (ex.: acesso igualitário à educação), e não se manifestam com tanta intensidade em condições desfavoráveis (ex.: países onde a escassez de oportunidades de trabalho é tão grande que o indivíduo optará pelo trabalho que for possível, e não pelo realmente desejado) (LIPPA, 2010a).

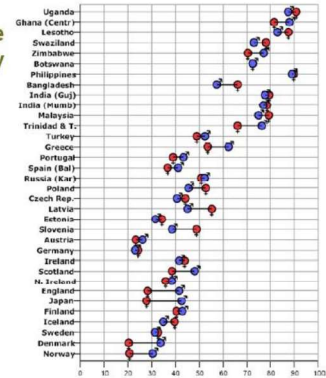
Não obstante, o fato de a divergência de ocupação profissional e personalidade ser constante em diversas nações (e, portanto, em diversas culturas com diferentes tradições trajetórias históricas), mesmo sendo mais discreta em países menos desenvolvidos, compromete a sustentabilidade da Teoria Social sobre a diferença de sexo e dos papéis sociais masculinos e femininos. Seriam essas diferenças, então, inatas?

Baron-Cohen (2003) realizou estudos com crianças desde a fase uterina, observou que as preferências frequentemente são determinadas ainda no útero e podem estar relacionadas com as quantidades de hormônios produzidos durante a gestação. Constatou que as crianças do sexo masculino, por terem maior quantidade de testosterona, possuem menos habilidades sociais, são mais interessados em objetos do que em pessoas, e são mais interessados no funcionamento e na ordem de fenômenos ou sistemas. As crianças do sexo feminino, por outro lado, apresentam maior habilidade social, e mais interesse em relacionar-se com outras pessoas.

visualizado na Figura 1, na qual os alunos de diversos países (nem todos os países participantes publicaram seus resultados no mesmo documento) expressaram seu nível de concordância com a frase "A Ciência aprendida na escola abriu meus olhos para novos e interessantes trabalhos". Nesta Figura, os adolescentes do sexo masculino estão representados em azul, e as do sexo feminino em vermelho.

Figura 1: "A Ciência aprendida na escola abriu meus olhos para novos e interessantes trabalhos". Tradução do autor.

School science
has opened my
eyes for new
and exciting
jobs



Fonte: Sjoborg, S. Schreiner, C. The Rose Project: an overview and key findings. University of Oslo, March 2010.

Ademais, neste mesmo estudo foi observado que existe uma grande diferença de sexo com relação ao interesse pelo conteúdo da disciplina: os adolescentes do sexo masculino se interessam mais por assuntos relativos a questões técnicas mecânicas, elétricas, a assuntos relativos à violência, tecnologias dentre outros. As adolescentes do sexo feminino são mais interessadas por tópicos relacionados à saúde, anatomia, beleza, ética, estética e sobre assuntos ligados ao "paranormal". Além disso, foi observado que as adolescentes do sexo feminino têm tendência a rejeitar os assuntos de

Baseado nessas constatações, o autor desenvolveu, então, a teoria em que define 5 tipos de cérebro, e dos quais os dois tipos de cérebro mais comuns na sociedade seriam o Cérebro Sistematizador (ou "Cérebro Masculino"), e o Cérebro Empatizador (ou "Cérebro Feminino"). O pesquisador reforça que esses conceitos não representam aspectos binários puros e completos, mas que referem-se à predominância do padrão de personalidade ou de raciocínio, ou seja, não determina que só homens possuam Cérebro Sistematizador, mas sim que esse padrão é mais comum em homens do que em mulheres, e o mesmo se pode dizer, de maneira inversa, sobre o Cérebro Empatizador. Por essa razão é possível observar desde a infância que o raciocínio lógico-matemático é mais desenvolvido em crianças do sexo masculino, tal como constatado em diversos estudos (BARON-COHEN, 2003; BARON-COHEN, 2009).

Além dos aspectos externos que marcam a diferença biológica entre homens e mulheres e das diferenças cromossômicas (objetivamente binárias), é possível vislumbrar outras diferenças importantes na influência do comportamento masculino e feminino, como a diferença na estrutura cerebral. Analisando estruturalmente (de maneira dissociada do conceito de "cérebro masculino/feminino" proposto por Simon Baron-Cohen), é possível observar diferenças no Sistema Nervoso Central (SNC) de homens e mulheres. Os indivíduos do sexo masculino, aos 12 meses, apresentam menor empatia e contato visual do que os do sexo feminino, e menor vocabulário do que as mesmas aos 18 e 24 meses, e isso foi considerado relacionado com o nível de Testosterona Fetal (quanto mais alto, menos desenvolvidas são as funções mencionadas), ou seja, são questões inerentes ao próprio desenvolvimento do corpo humano na fase intrauterina (LUTCHMAYA; BARON-COHEN; RAGATTI, 2002a; LUTCHMAYA BARON-COHEN; RAGATTI, 2002b).

O desenvolvimento cerebral é dimórfico e as áreas cerebrais de indivíduos do sexo masculino e feminino não se desenvolvem de maneira idêntica, e isso reforça a hipótese de que os padrões comportamentais (vários deles definidos pela estrutura do SNC e por influências hormonais) não são puramente determinados pelo ambiente ou pela cultura (LOMBARDO et al., 2012).

Segundo Gong, He e Evans (2011), a conectividade cerebral também é diferente entre homens e mulheres e é modulada de acordo com o sexo, e isto vem sendo constatado por alguns estudos que utilizam-se de neuroimagens avançadas para analisar aspectos funcionais do SNC, tais como Ressonância Magnética Funcional e PET-Scan. Estes pesquisadores recomendam, inclusive, que essas diferenças sejam levadas em conta ao interpretar estado de saúde ou doença naquilo que tange à conectividade cerebral. Os autores exemplificam essas nuances ao citar o autismo (mais prevalente em homens) e a esquizofrenia, que apresenta em homens e mulheres diferentes sintomas, idade de manifestação e outras características.

Todavia, alguns autores questionam a possível influência cultural na modificação da estrutura nervosa central, afirmando que, por meio da neuroplasticidade, essas diferenças poderiam ser atenuadas ou apagadas ao passo que o entendimento cultural e o papel social masculino e feminino fosse eliminado, sendo substituído por um pensamento e uma sociedade igualitária de gênero. Contudo, a neuroplasticidade possui limites biológicos, ou seja, existem mudanças passíveis de ocorrerem devido às experiências pela qual o ser humano passa durante a vida, mas há características cerebrais que não podem ser modificadas por nenhuma experiência de vida, e várias características do cérebro (e, por consequência, funções do organismo) são orientadas pelas taxas de hormônios masculinos e femininos produzidos ainda no útero. Essas características dificilmente podem ser radicalmente modificadas por meio do ambiente, tal como já foi demonstrado em estudos anteriores (UDRY, 2000; LOMBARDO; et al., 2012; CAHILL, 2014).

Em conformidade com os achados supracitados, outro estudo de Lippa (2010b) avaliou os interesses de 200.000 sujeitos por meio de um questionário aplicado online, e constatou que os traços de personalidade predominantemente masculinos estiveram relacionados a profissões tipicamente masculinas (engenheiro, mecânico, carpinteiro, entre outros), e o inverso também foi verdadeiro, com as mulheres preferindo profissões como enfermeira, professora de educação básica, conselheira, entre outras).

As diferenças de sexo também se fazem presentes quando se analisa os indivíduos de uma mesma profissão. Um estudo realizado com 127 graduandos

estudo encontraram associação entre a testosterona e os resultados obtidos pelos estudantes nos testes (XIE; PAGE; HARDY, 2017).

CONCLUSÃO

Diante dos estudos analisados é possível constatar que homens e mulheres manifestam comportamentos, preferências e escolhas diferentes, especialmente nos países mais economicamente desenvolvidos e mais igualitários acerca do sexo/gênero, e que se mantém, de maneira geral, também nos países economicamente menos favorecidos, mesmo que de maneira mais discreta. A manutenção desse padrão em dezenas de diferentes culturas e as diversas expressões comportamentais que surgem desde a infância e adolescência e que estão correlacionadas a fatores genéticos e hormonais contesta de maneira contundente a estrutura lógica da Teoria Social dos Papéis de Gênero, visto que quanto mais economicamente favorável e mais cheio de oportunidades é um ambiente, maior é a tendência de homens e mulheres optarem por profissões associadas aos estereótipos masculinos e femininos.

Verificou-se por meio desta análise que a influência do meio (Cultura ou "Construção Social") aparenta ter pouco desdobramento na motivação para a divergência de preferência ou ocupação profissional entre homens e mulheres, sendo esta provavelmente de natureza predominantemente biológica. Portanto, apesar da crítica existente por parte de alguns autores sobre a desigualdade no preenchimento de algumas profissões de acordo com o sexo, esta desigualdade demonstra ser fruto da própria afinidade dos sujeitos muito mais do que de cultura ou política social segregacionista.

Acredita-se que outros estudos multicêntricos, transversais ou longitudinais com boa amostragem e estudos laboratoriais podem ajudar a gerar maior entendimento sobre em que proporção a influência do meio pode gerar modificações biológicas, ou qual é o limite da mesma.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTE, D. et al. Gender differences in academic surgery, work-life balance, and satisfaction. *J Surg Res.*, v.218, p.99-107, 2017.
- BARBOSA, R.H.S. Gender and healthcare work: a critical view of community health agents' work. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.16, n.42, p.751-65, 2012.

e 116 estudantes que estavam se especializando na área cirúrgica revelou que as mulheres cirurgiãs (que representam minoria nesta categoria), têm mais tendência em se responsabilizar e dedicar mais tempo para a família e para a criação dos filhos em comparação com os homens da mesma categoria (BAPTISTE et al., 2017).

A profissão médica ilustra de maneira pertinente as mudanças históricas que ocorreram no sentido da conquista do mercado de trabalho pelas mulheres. Nos Estados Unidos, entre 1970 e 2010, o número de mulheres que exercem a Medicina mais que triplicou, demonstrando a tendência que já se observou de que as mulheres, de maneira geral, apresentam mais afinidade pela área da saúde e as outras categorias profissionais focadas em lidar com pessoas. Neste mesmo país, as categorias profissionais de nutricionista, enfermeiro, professor de ensino básico e assistente social são predominantemente dominadas por mulheres (BYARS-WINSTON; FOUAD; WEN, 2015).

O caso da profissão médica, em especial, leva a uma reflexão sobre as mudanças históricas e a afinidade de acordo com o sexo: por ser uma profissão muito antiga, é natural que em épocas como o ano inicial de corte do estudo acima citado, a categoria fosse predominantemente preenchida por homens, levando-se em conta que durante muitos anos o mercado de trabalho foi vetado ao sexo feminino. A partir do momento em que essa restrição deixou de existir e houve oportunidade de acesso, esse público pôde compor os espaços acadêmicos e profissionais com os quais possuía afinidade natural, tal como demonstrado em outros estudos (LIPPA, 2010a; LIPPA, 2010b; BYARS-WINSTON; FOUAD; WEN, 2015; BAPTISTE, 2017).

Em um estudo recente, 154 estudantes da Universidade de Tecnologia de Queensland (74 mulheres e 80 homens) participaram de uma sequência de testes que avaliaram sua preferência e maneira de lidar com riscos no âmbito do mercado financeiro quando colocados sob pressão. Os resultados desta pesquisa sugerem que homens têm mais disposição em correr riscos e são mais confiantes, tal como citado por Lippa (2010a), características que são valorizadas no ramo do Mercado Financeiro, o que pode explicar o motivo de esse segmento profissional ser predominantemente masculino. Os autores deste

BARON-COHEN, S. *The essential difference: The truth about the male and female brain*. New York: Basic Books, 2003.

_____. Autism: The Empathizing-Systemizing (E-S) Theory. *The Year in Cognitive Neuroscience*, v.1156, p.68-80, 2009.

BOUVOIR, S. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. 4ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

BYARS-WINSTON, A.; FOUAD, N.; WEN, Y. Race/ethnicity and sex in U.S. occupations, 1970-2010: Implications for research, practice, and policy. *J Vocat Behav.* v. 87, p. 54-70, 2015.

CAHILL, L. Equal ≠ The Same: Sex Differences in the Human Brain. *Cerebrum*, v.5, p.1-19, 2014.

EAGLY, A. H., WOOD, W.; JOHANNESSEN-SCHMIDT, M. C. *Social role theory of sex differences and similarities*. In: A. H. EAGLY, A. E. BEALL; R. J. STERNBERG (Eds.), *Psychology of Gender*. New York: Guilford Press, 2004.

GONG, G.; HE, Y.; EVANS, A.C. Brain Connectivity: Gender Makes a Difference. *The Neuroscientist*, v.17, n.5, p.575-591, 2011.

LOMBARDO, M.V.; et al. Fetal Testosterone Influences Sexually Dimorphic Gray Matter in the Human Brain. *J Neurosci*, v.32, n.2, p.674-680, 2012.

LUTCHMAYA, S.; BARON-COHEN, S.; RAGGATT, P. Foetal testosterone and vocabulary size in 18- and 24-month-old infants. *Inf Behav Dev.* v.24, p.418-424, 2002.

_____. Foetal testosterone and eye contact in 12-month-old human infants. *Inf Behav Dev.* v.25, p.327-335, 2002.

LIPPA, R.A. Gender Differences in Personality and Interests: When, Where, and Why? *Soc Personal Psychol Compass* v.4, n.11, p.1098-1110, 2010a.

_____. Sex differences in personality traits and gender-related occupational preferences across 53 nations: Testing evolutionary and social-environmental theories. *Arch Sex Behav*, v.39, p.619-636, 2010b.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. *Metodologia da pesquisa científica: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. Atlas, 2010.

MONTEIRO, R.; SILVEIRO, C.; DANIEL, F. Representações sociais do empreendedorismo no feminino e no masculino: investigação com estudantes. *Psicol. estud.*, v. 20, n. 1 p.107-116, 2015.

NYBERG, A.; LEINEWEBER, C.; MAGNUSON HANSON, J. Gender differences in psychosocial work factors, work-personal life interface, and well-being among Swedish managers and non-managers. *Int Arch Occup Environ Health.* v.88, n.8, p.1149-64, 2015.

PERTICARRARI, D. *Reestruturação produtiva e emprego na indústria de linha branca no Brasil*. Dissertação de Mestrado, DPCT/G/UNICAMP, Campinas, 2003.

SCHMITT, D.P.; et al. Why Can't a Man Be More Like a Woman? Sex Differences in Big Five Personality Traits Across 55 Cultures. *J Pers Soc Psychol*, v. 94, n. 1, 168–182, 2008.

SHECHNER, T. Gender identity disorder: a literature review from a developmental perspective. *Isr J Psychiatry Relat Sci*, v.47, p.132-138, 2010.

SJOBERG, S; SCHREINER, C. **The Rose Project**: an overview and key findings. University of Oslo, 2010.

SORJ, B. Sociologia e Trabalho: mutações, encontros e desencontros. *Rev. bras. Ci. Soc.*, v. 15, n. 43, 2000.

UDRY, J. Biological Limits of Gender Construction, *Am Sociol Rev*, v.65, p.443-457, 2000.

XIE, Z.; PAGE, L.; HARDY, B. Investigating Gender Differences under Time Pressure in Financial Risk Taking. *Front Behav Neurosci*, v.11, 2017.

Recebido em 26 de maio de 2018.
Aceito em 30 de setembro de 2018